

Como grão de pólen

Entrevista com o escritor Moçambicano Pedro Pereira Lopes

Jocemar Celing¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Quando procurei o escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes para uma rápida conversa durante sua passagem pelo sul do Brasil, em maio de 2019, ele parecia cansado em meio a uma sessão de autógrafos e eu, curioso para saber o sentido da enigmática sentença ‘um nada como grão de pólen’, que fazia parte da temática do encontro “Escrever Infanto-Juvenis em Moçambique”, realizado em 31 de maio de 2019, na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis.

Pedro Pereira Lopes é escritor, contador de histórias, poeta, professor e pesquisador no Instituto Superior de Relações Internacionais, na cidade de Maputo. É mestre em políticas públicas pela Escola de Governança da Universidade de Pequim e fundador da web-revista de literatura *Lidilisha* e do “Projecto Ler para Ser”.

Já são cinco títulos publicados em Moçambique, quatro deles para o público infanto-juvenil: *O homem dos 7 cabelos* (2012); *Kanova e o segredo da caveira* (2013); *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas* (2014) e a *A história do João Gala-Gala* (2017). Para o público adulto, *O mundo que iremos gaguejar de cor* (2017).

Dois de seus títulos foram publicados no Brasil pela editora Kapulana de São Paulo: *Kanova e o segredo da caveira*, com ilustrações de Walter Zand (2017), e *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas*, ilustrado por Filipa Pontes (2015).

Pedro Pereira Lopes se considera um escritor experimentalista, revela preocupação com “o que as crianças das escolas estão lendo” e vê nos contos da tradição oral um instrumento de estruturação social e de resistência.

Na entrevista o escritor fala sobre sua visão a respeito da tradução de obras produzidas em língua portuguesa, da influência do conflito tradição/modernidade na literatura infantil e também, sobre o “quase nada” e “um grão de pólen”.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Qual foi a contribuição dos contos da tradição oral durante o período de renascimento moçambicano e qual a importância do reconto no processo de construção da consciência nacionalista em Moçambique?

É uma questão muito particular e não possuo dados ou informações suficientes para garantir-lhe uma opinião válida. Há estudos sobre isso, e eles identificam a transmissão da cultura e do conhecimento como duas das principais importâncias do conto da tradição oral. A terceira seria o conto da tradição oral como instrumento de resistência política. Se assumirmos que, durante o período colonial, a cultura do povo de Moçambique foi subjugada e privada, de modo que a sua identidade (étnica e linguística) não pusesse em causa o projecto imperialista português – um povo sem cultura é um povo inexistente –, a sua “reintrodução”, no período da guerra de libertação nacional (1964-1974), primeiro, nas “zonas libertadas”, e depois, em todo o território, faria parte do que se chamou de “construção do homem novo”, sob os auspícios do socialismo científico. A ser assim, a tradição oral teve um papel importante no estabelecimento da ideologia da nação, na edificação do “nós, o povo”, da colectividade.

Segundo o senhor afirma, existe um conflito entre tradição e modernidade. Como este conflito se reflete na produção literária infanto-juvenil?

É um conflito antigo, sempre existiu, permeia toda a produção científica, cultural ou política, etc. É o conflito entre os conservadores e os progressistas, entre a estabilidade/manutenção do status quo e a mudança. Na produção literária infanto-juvenil em Moçambique, eu diria que este conflito se situa num plano paradigmático, de mudança de uma literatura com propósitos morais e pedagógicos, que seria fundado nos contos da tradição oral, para uma proposta literária infanto-juvenil contemporânea, que valoriza o lúdico e a imaginação.

O senhor se autodeclara um autor experimentalista. Quais são os desafios da produção literária experimentalista? Quais são seus novos projetos?

Se não é o perfeccionismo, essa ilusão e sede constante de melhorar, é a busca pela novidade – e, infelizmente, duvido que haja algo de novo debaixo do sol. Estou a desenvolver uma série de projectos novos. Tenho sempre diversas penas entre os dedos, sou um polvo. Estou a trabalhar em mais de três livros infanto-juvenis, num livro de poemas e no meu segundo romance.

Quais são os desafios de traduzir reconto da tradição oral de Moçambique para idiomas como o inglês, francês, alemão, russo, etc. Existe algum projeto em andamento com esta finalidade?

Há um grande problema de tradução do português para qualquer outra língua. Ainda que, por exemplo, Moçambique esteja circundado por países que falam inglês, a sua literatura quase que não é traduzida. As “portas” da tradução continuam, ainda, centradas em Portugal, pela legitimação que confere ao circuito literário em língua portuguesa. Mas o cenário tende a mudar, considerando o papel do Brasil nesta nova onda do “internacionalismo africano”, onde, cada vez mais, novos autores são publicados no mercado brasileiro. Pode ser que, do Brasil, os livros possam chegar aos EUA, Canadá, França ou Alemanha. No caso concreto de Moçambique, não lhe posso precisar sobre um projecto de natureza que menciona.

Nos chama a atenção a expressão "um nada como grão de pólen". Qual é a relação deste complemento com o tema "Escrever Infanto Juvenis em Moçambique"?

A ideia de “Um nada” está relacionada com a exiguidade de livros infanto-juvenis no país, caracterizada por uma parca produção e difícil e defeituosa distribuição. É mesmo “um quase nada”. “Um grão de pólen” remete-nos à esperança, a possibilidade deste grão fecundar ou servir para mel. Por vezes, há a sensação de que ninguém nos lê, mas o reconhecimento pelo trabalho, principalmente fora de Moçambique, é um alento que nos revigora.